

Carlos Perrone Jobim Júnior*

A leitura informal da vida: Testemunhos, jornais e boatos sobre a Guerra de Canudos em um diário maragato

RESUMO

Nesse trabalho, tentei resgatar algumas das impressões de Isidoro Virgínio até sua participação na Guerra de Canudos. Autor de imensa obra resgatou nela a experiência do vivido, fixada em marcas escriturais. Os diários, memórias e cartas permitem que o historiador encontre subsídios para construir as sensibilidades do passado. Como presentificação de uma ausência – a vida vivida – seu diário permite encontrar no particular, aspectos da rede social indissociáveis da história individual. É o caso do depoente, que representa o mundo real através de seu testemunho e que também fornece, além da percepção do próprio olhar a dos ouvidos. Esses apreendem a leitura indireta oferecida pelos casos, boatos e jornais, considerando que ler é, de alguma forma, escutar.

PALAVRAS-CHAVE

1 Diário – 2 Guerra de Canudos – 3 Testemunho

ABSTRACT

In this paper, I intend to recall some of Isidoro Virgínio's impressions up to the point of his participation in the Canudo's war. Author of extensive work, he managed to bring back, by means of written records, the experience of what was lived at that time. The diaries, memories and letters allow the historian to find subsidies to build the sensibilities of the past. Just like the materialization of an absence – the lived life – his diary enables us to find in the particular, aspects of the social net that cannot be dissociated from the individual history. That is the case of the narrator, who depicts the real world through his testimony, and provides us with meaningful samples of what his own look and hearing could perceive. Both senses grasp the indirect reading offered by happenings, rumors and newspapers, once one considers that reading can be, somehow, listening.

KEY WORDS

1 – diary. 2 - Canudos war. 3 - testimony

* Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutorando em História pela UFRGS-RS. Orientadora: Sandra Jatany Pesavento – UFRGS-RS. E-mail: cjobim@hotmail.com

" Pois os olhos são
testemunhas
mais exatas que os ouvidos"
Heráclito de Efeso

A noite, ainda regida pelo brilho dos corpos celestes, foi subitamente tomada pelo ressoar metálico do clarim. O toque de alvorada anunciava a aproximação do astro-rei, como se lhe roubasse o momento ao se colocar entre o sol e a cidade. Assim, Rio Grande perdia o prenúncio de um majestoso espetáculo: precedia à luz o som.

De repente, o pátio interno da caserna começou a crepitar sob o impacto dos coturnos que, após o rancho, rumavam para o mesmo lugar. Perfilavam-se em formatura, ajustando seus corpos, a distância de um braço, cujo prumo eram as linhas geométricas do velho prédio. O imenso retângulo humano aguardava impaciente às ordens, enquanto o ar enregelado pelo inverno sulino, empurrado pela respiração de muitos pulmões, mais parecia resistir do que propriamente ceder. Enquanto isso, a banda de música procurava, em desacertadas notas, afinar seus instrumentos, sem obedecer a qualquer compasso. Tudo tomava lugar.

Escutei um chamado distante, produzido pelo corneteiro que, de fora, avisava a chegada dos

convidados. Todos ficaram atentos, pois o teatro estava prestes a começar. Não demorou muito para que seus passos atravessassem o pórtico de entrada. Era o comandante que, recebendo um general, passava a acompanhá-lo para a inspeção de rotina. As vozes sumiram, mas os homens continuavam atentos. Então, um forte, simultâneo e espasmódico bater de mãos, coxas e calcanhares ecoou. Mais parecia um gigante a despertar de seu sono. Uma nova ordem da corneta produziu o movimento de centenas de braços; todos, em continência, saudavam os hierarcas. As autoridades, ao tomarem lugar no palanque, receberam elogioso discurso do coronel. Após o desfile das tropas, encerrou-se o esotérico espetáculo. Agora, os militares podiam retomar suas tarefas diárias e eu, deixar o quartel.

Estava no segundo andar do 6º GAC, onde fora alojado graças a concessão do comandante. Encontrava-me em Rio Grande justamente para coletar alguns dados referentes ao meu trabalho de mestrado. Por se tratar de uma dissertação que abordava a vida de um soldado daquele mesmo quartel, na época conhecido como 12º Batalhão de Infantaria, o famoso "Treme-terra" (alcunha adotada na Guerra do Paraguai), não foi difícil sensibilizar o coronel da importân-

ficaram aten-
ava prestes a
u muito para
vessassem o
lira o coman-
o um general,
ná-lo para a
As vozes su-
ns continua-
um forte, si-
lico bater de
hares ecoou.
gante a des-
Uma nova or-
uziu o movi-
e braços; to-
saudavam os
lades, ao to-
que, recebe-
o do coronel.
opas, encer-
espetáculo.
podiam reto-
iárias e eu,

ndo andar do
lado graças a
comandante.
o Grande jus-
alguns dados
alho de mes-
uma disser-
vida de um
mo quartel,
o como 12º
ia, o famoso
a adotada na
não foi difícil
da importân-

cia da pesquisa e da dificuldade dos custos, problema comum a maioria dos pesquisadores.

Desci as escadas e caminhei em direção ao portão principal. Olhava para as salas acinzentadas, com o pé direito altíssimo, como as estreitas portas e janelas de madeira encravadas em grossa parede também eram. Mas, sobretudo, o que mais me chamava a atenção era o que existia por trás daquela cor. Recordava-me do diário que revelava um acontecimento de 1896, esquecido pelo tempo e abafado pelas autoridades locais: a rebelião do baixo escalão. Deixo a indicação da minha dissertação para os mais curiosos. Apenas volto a lembrar que, em alguma daquelas paredes talvez ainda reste, encoberta por sucessivas camadas de tinta, as palavras dos rebelados, inscritas em algum lugar. Mas o que importava, naquele momento, era sair pelas ruas, retornar ao “mundo civil”, em direção ao antigo prédio da biblioteca. No caminho percebia os resquícios do passado: a visão do campo da Geribanda, transformado em praça Tamandaré, como também as fachadas antigas de algumas casas, o antigo quartel general que durante a Revolta da Armada teve seu brasão arrancado por um tiro de canhão. Olhava para tudo a partir do que Isidoro sinalizou.

Se utilizo minha própria experiência para falar da vida de um outro homem e de um outro tempo, e se também uso expressões comuns a vida militar (civil, rancho, caserna, continência, etc.), talvez seja para mostrar o quanto esse estilo de vida esteve presente na minha própria história. Encontrar o diário de Isidoro Virgínio foi, em certa medida, retornar a um universo que a muito tinha me afastado. Algumas expressões como “é tempo de Murici, cada qual cuide de si”, escutei várias vezes da boca de meu pai e, posteriormente, em “Os Sertões”, do célebre Euclides da Cunha. Agora elas reverberam nas páginas escritas por Isidoro. Sinto que as experiências anteriores da minha vida (ser filho de militar e ter estudado no colégio militar), muitas vezes amargas, ganharam atualmente um sentido e uma finalidade, na medida em que me permitem enxergar mais além do que outros que não as tiveram. Lembro-me ainda de um amigo cineasta que ficou encantado com o diário porque seu pai era músico. Nesse caso, a vantagem era dele.

ISIDORO VIRGÍNIO – VIDA E OBRA

Percorrer o caminho que traz as experiências de uma vida não é tarefa fácil. Alguns percalços en-

contram-se, até mesmo, em outro universo, que não diz respeito a própria fonte, mas na história da fonte. No percurso realizado desde o momento em que ela deixa as mãos do autor para cair em mãos alheias. Por isso, encontrando-me agora como guardião de todo o material, posso situar tanto a vida como a obra do nosso personagem, com maior precisão.

Isidoro Virgínio nasceu em 1876, na cidade de Rio Grande. Vindo de uma família de agricultores pobres, ingressou no Exército no mesmo ano da morte de sua mãe, em 1891. Com a “Revolução Federalista” e a “Guerra de Canudos”, Isidoro conheceu as agruras da guerra; felizmente, o jovem soldado-músico sobreviveu. Tais experiências foram muito traumáticas, de modo que ele decidiu abandonar a farda para aprender um ofício. Dedicou-se, então, a arte do panifício. Depois de trabalhar nas padarias cariocas, o jovem aventureiro entrou para a Marinha Mercante, o que lhe possibilitou conhecer boa parte do mundo. Em 1944, decidiu se aposentar. Já velho e doente, retornou para sua cidade natal, internando-se no hospital da Beneficência Portuguesa. Morreu em 1956.

Na escrita de seu destino, outros acontecimentos paradigmáticos de nossa história foram

por ele testemunhados: a “Revolta da Vacina” e o torpedeamento de navios brasileiros pelos submarinos alemães, durante a “Segunda Guerra Mundial”. No entanto, esses episódios pertencem a um relato, cujas experiências de vida foram mais amplas, fornecendo uma dimensão ainda maior das possibilidades de apreender a nossa história. Ou seja, também podemos resgatar, a partir dessa narrativa, as condições de trabalho dos homens pobres, os estereótipos que pesavam sobre eles, o que pensavam, como viviam, quais eram seus medos, anseios, expectativas e sensibilidades, desvelando um universo de sentidos e imagens.

A obra de Isidoro Virgínio impressiona. Seu diário memorialístico foi intitulado “A Vida Mal Vivida”, perfazendo um conjunto de 20 cadernos padronizados da livraria Globo. Muito mistério ainda ronda o campo das condições de produção desse material, mas ainda é cedo para chegarmos a determinadas certezas. Trata-se de um material genuíno, na medida em que no final da vida, “passou a limpo” a grande quantidade de folhas, de tamanhos, cores e formatos diferentes, confeccionados ao longo de sua vida.

Por sua vez, nos cadernos intitulados “A Vida mal Vivida – Rio Grande”, temos a oportunida-

de de ver
narrativa
de seguir
do seu co
uma outra
cidade. As
passa a se
torizador de
medida em
vida das p
costumes.
gistra aqu
memória,
passado. (n
nem tudo
pois alguns
nessa traje
esses algu
mos de enf
ver com t
do ofício de

OLHAR E

As m
que os olh
“ter visto”,
fatos sem s
A sensaçã
imensa; em
preendemos
fomos os
Embora a
fantástico,
de uma ilu
fias. O eng
serva, no m
va sobre o
verdade não
Conservar (

os: a “Revolta
deamento de
elos submari-
e a “Segunda
entanto, es-
cem a um re-
cias de vida
i, fornecendo
la maior das
apreender a
seja, também
partir dessa
ões de traba-
es, os estere-
sobre eles, o
omo viviam,
ados, anseios,
ensibilidades,
erso de senti-

doro Virgínio
ário memoria-
“A Vida Mal
um conjunto
ironizados da
mistério ain-
las condições
material, mas
chegarmos a
zas. Trata-se
úno, na medi-
da vida, “pas-
le quantidade
nhos, cores e
confecciona-
vida.
nos cadernos
mal Vivida –
a oportunida-

de de ver uma mudança na sua
narratividade, pois Isidoro deixa
de seguir o caminho cronológico
do seu contar, para estabelecer
uma outra linha, a das ruas da
cidade. Assim, na velhice, Isidoro
passa a ser, de alguma forma, his-
toriador de sua própria cidade, na
medida em que narra os fatos, a
vida das pessoas, seus hábitos e
costumes. No seu caminhar, re-
gistra aquilo que retorna a sua
memória, como lembranças do
passado. Cabe ainda dizer que
nem tudo pode ser recuperado,
pois alguns cadernos se perderam
nessa trajetória. Obviamente, são
esses alguns dos limites que te-
mos de enfrentar, visto que convi-
ver com tais acidentes faz parte
do ofício do historiador.

OLHAR E ESCUTAR

As mãos são mais rápidas
que os olhos. O sucesso está no
“ter visto”, ou seja, testemunhar os
fatos sem saber o que aconteceu.
A sensação de perplexidade é
imensa; em parte porque não com-
preendemos e em outra porque não
fomos os únicos a ser iludidos.
Embora a mente fique presa ao
fantástico, sabemos que se trata
de uma ilusão, como as hologra-
fias. O engano dos sentidos con-
serva, no mistério, uma expectati-
va sobre o segredo. Mas, contar a
verdade não é parte do espetáculo.
Conservar o segredo, eis o grande

desafio dos ilusionistas. E o gran-
de mágico é aquele que consegue
iludir a todos, dando a impressão
de que algo incrível aconteceu.

Assim, quando narramos
nossas experiências, as imagens
da retina têm um poder sobre
quem escuta. O testemunho, des-
se modo, encontra sua força de
convencimento no fato do narra-
dor “ter visto”, do mesmo modo
como o viajante precisa retornar
para poder contar o que viu.
Assim, Marco Pólo, Hans Staden,
entre outros tantos, em seu re-
gresso, trouxeram as lembranças
daquilo que testemunharam, po-
voando as mentes de seus con-
temporâneos e fixando, grafica-
mente, marcas do passado. Pois,
existe um fator intrínseco no
olhar: o ato de conhecer. É o que
nos lembra François Artog, ao di-
zer que aquele que viajou e não
viu, não viajou¹.

Nesse sentido, o diário de
Isidoro Virgínio é generoso, trans-
portando uma torrente de infor-
mações, impressões, percepções e
imagens sobre a história de sua
vida e, sobretudo, uma tradução
pessoal da história da República.
Pois, como já foi dito, teve uma
vida aventureira ao sair pelo mun-
do em busca de histórias. Se eti-

¹ (HARTOG:2004)

mologicamente a palavra aventura vem do latim, significando as “coisas que estão por vir”, podemos encontrar essa intenção já no primeiro subtítulo do diário, onde aos treze anos começa sua narração: “*Para Porto Alegre*”.

“ Numa bela manhã do mês de dezembro de 1889, precisamente no dia 12, embarquei, por minha conta e risco, do porto de Rio Grande para Porto Alegre, sem saber direito o que ia fazer na Capital. O vapor era o Itália e até o dia de hoje estou para saber qual sua nacionalidade. Isto, aliás, pouco importava. Sendo vapor e carregando passageiros era o que me convinha pois quem viajava como eu, não interessava o nome. O que se quer é chegar ao destino, ainda mais para mim, um moleque vagabundo que vivia ao léu da sorte.”(p.1) **2**

De fato, um dos traços mais marcantes de Isidoro encontra-se no relato de suas experiências, a maior parte passadas em terras distantes. Suas impressões iniciais mostram uma expectativa, ao dizer *De vereda, saí portão a fora, [...] e lá me fui, sem saber por onde andava, sempre para frente, vira aqui, quebra ali.*(p.1) Para o jovem, nascido e criado na vida campestre, a cidade oferecia uma quebra da rotina, pois as novidades ofereciam-se para serem vistas, saboreadas: “*De quando em*

vez parava numa vitrine, numa esquina, na ânsia de tudo ver, rua abaixo, rua acima, não me importava os transeuntes embora o fossem em grande número. Achava as casas mais bonitas que as de Rio Grande.”(p.1)

Não sabemos nada sobre as razões de ter tomado tal decisão. Sua mãe ainda era viva e morava em Rio Grande com seus irmãos e o Sr. Antônio, seu padrasto. Embora fossem pobres, tinha uma sorte melhor que a dos menores abandonados, cujo destino era, quando eram pegos pelas autoridades policiais, serem enviados para a escola de aprendizes-marineiros. Em momentos de guerra, muitos menores eram enviados para o campo de batalha, o que causava freqüentes debates sobre o limite de idade permitido. Mesmo assim, Isidoro decidiu se arriscar. Porém, para levar suas opções adiante, tinha que se adequar a nova realidade. Por isso, a primeira coisa que fez, ao desembarcar em porto Alegre, foi conseguir um emprego. Seu primeiro patrão era um italiano, quitandeiro no mercado público; chamava-se “Ângelo Pascallini” [sic]. Sobre isto, comentava:

2 Todas as citações textuais do diário serão indicadas entre aspas, pela numeração dada por Isidoro Virgínio.

“Em ser c
do que g
que ná
3\$000,00
mês, cas
tinha r
roupa eu
alegre e v
em min
vagabun
dinheiro
Tinha ca
e horas d
vagabun
queria et
pelo mul
estava ar
cia ser fil

Quan
meiro orden
par uma ca
para não anc
sar de, para r
cia”. Embora
sidades ten
para o pequ
não eram ui
isso, compro
hom tamanh
disse, tratavi

“Agora si
posso rot
gurizada
da cidad
trazia a t
dentro d
cabo à t
dormind
verduras
maidade
ceio de
plesment
todos os

ne, numa es-
tudo ver, rua
ão me impor-
mbora o fos-
ro. Achava as
ue as de Rio

ada sobre as
o tal decisão.
iva e morava
eus irmãos e
u padrasto.
s, tinha uma
dos menores
destino era,
pelas autori-
em enviados
ndizes-mari-
os de guerra,
am enviados
talha, o que
le debates sobre
título. Mesmo
u se arriscar.
suas opções
se adequar a
sso, a primei-
desembarcar
conseguir um
ro patrão era
leiro no mer-
va-se "Ângelo
bre isto, co-

"Em ser quitandeiro, o ordena-
do que ganhava era dinheiro
que não acabava mais:
3\$000,000 (três mil réis) por
mês, casa e comida. Só não
tinha roupa lavada. Também,
roupa eu não tinha. Andava
alegre e vivia satisfeito. Nunca
em minha vida de moleque
vagabundo tinha ganho tanto
dinheiro sem fazer despesas.
Tinha casa e comida à boche
e horas de folga para a minha
vagabundagem. O que mais
queria eu? Nesta vida airada
pelo mundo, não estava só,
estava amparado. Já me pare-
cia ser filho da terra."(p.2)

Quando ganhou seu pri-
meiro ordenado, tratou de "*com-
prar uma camisa e umas calças
para não andar esmolambado ape-
sar de, para mim não ter importân-
cia*". Embora as primeiras neces-
sidades tenham sido supridas,
para o pequeno Isidoro, as ruas
não eram um lugar seguro. Por
isso, comprou "*ainda uma faca de
bom tamanho*".(p.2) Afinal, como
disse, tratava-se de um costume:

"Agora sim, já estou armado e
posso roncar grosso com essa
gurizada vagabunda das ruas
da cidade. Todo tempo eu
trazia a faca na cintura, por
dentro das calças e com o
cabo à mostra, até mesmo
dormindo dentro da banca de
verduras no mercado, não por
maldade nem que tivesse re-
ceio de coisa alguma, sim-
plesmente por ser uso da terra
todos os homens andarem

armados. Nesta terra, um
homem que não anda armado
não é homem. É alma de
lobisomem."(p.2-3)

Talvez essa viagem represen-
tasse para Isidoro um tipo de ritual
de passagem, afinal, tornar-se in-
dependente exigia ter um emprego
para garantir seu próprio sustento e
portar uma arma; esses eram os
elementos que, para ele simboliza-
vam uma vida adulta. Nesse senti-
do, começava a perceber o surgi-
mento de outras necessidades:

"Cansado de trabalhar como
quitandeiro, quis arranjar
outro emprego e melhorar a
sorte, pois ganhando três
mil-réis por mês, embora com
casa e comida, já não dava
para as minhas gulodices de
comer rapadura, pé de mole-
que e cocada preta. Por isto,
Por isto, tratei de melhorar de
vida e procurar coisas
melhores."(p.4)

Como podemos ver, os pri-
meiros registros partem do início
da adolescência. Mas nas memó-
rias do velho Isidoro, encontramos
passagens em que ele comenta
sobre sua infância, quando pe-
rambulava pelo mercado público
de Rio Grande e ganhava, de um
ou outro conhecido, os *mesmos*
"*pés de moleques, rapaduras e co-
cadas pretas*".(p.2) Porém, nessa
nova fase, ele tinha que pagar pe-
las coisas que desejasse.

Como foi revelado em nota explicativa elaborada pelo senhor Paulo Teixeira de Tarso, o primeiro caderno infelizmente foi perdido, de modo que não temos como resgatar as informações seguintes, pelo menos a maior parte delas: perdeu-se o primeiro caderno. Quanto a esses registros iniciais, contam as primeiras páginas que foram salvas, graças ao início de uma versão da obra, feitas pelo Sr Paulo. Se passamos, então, para o segundo caderno, percebemos que o relato avança até 1893. Nesse momento, Isidoro já estava no "Treme-terra", acampado às margens do Ibicuí e de partida para São Gabriel.

Nesse momento de crise, a vida dos rio-grandenses passava pelas dificuldades e sofrimentos resultantes dessa situação. Em relação aos homens do "Treme-terra", foi uma verdadeira experiência pedagógica, atilando-os na arte da guerra. Anos depois, esses resultados foram evidenciados na obra máxima de Euclides da Cunha, "Os Sertões", ao descrever o combate de Cocorobó.³ O subtítulo "Carga de Baionetas excepcional" é representativo do que foi dito. "Manobra arrojada", "um lance admirável", "formidável", "ímpeto incomparável de valor" são referências diretas do impacto que a 4ª brigada, formada pelo 12º e 31º batalhões de infantaria pro-

vocaram no traço do genial escritor; "um raro golpe de audácia apenas justificável senão pelo dispositivo das tropas que o vibraram pela sua natureza especial. Predominava nas fileiras o soldado rio-grandense". Conforme Euclides da Cunha:

"A infantaria do sul é uma arma de choque. Podem suplantar as outras tropas, na precisão e na disciplina de fogo, ou no jogo complexo das manobras. Mas nos encontros a arma branca aqueles centauros apeados arremetem com os contrários, como se copiassem a carreira dos ginetes ensofregados dos pampas. E a ocasião sorrilhes para a empresa estupenda levada a cabo com brilho inexcédível."⁴

No entanto, as impressões euclidianas também recaíam em equívocos. Ao considerar o "gaúcho temeroso" como "frágil no suportar as lentas provações da guerra", embora não tivesse "par no seu despenhar em súbitos lances temerários", desconsiderava o que dissera anteriormente da "instrução prática de soldados que vinham de um severo exercício de batalhas nos campos do Rio

³ CUNHA, 2002:399.

⁴ IDEM, p.404.

genial escri-
de audácia
não pelo dis-
e o vibraram
a especial.
ras o soldado
rme Euclides

il é uma
odem su-
opas, na
iplina de
complexo
nos en-
ca aque-
dos arre-
ontrários,
a carreira
çados dos
io sorria-
estupen-
om brilho

impressões
recaíam em
lerar o "gaú-
"frágil no su-
rovações da
tivesse "par
súbitos lan-
onsiderava o
ormente da
soldados que
exercício de
dos do Rio

Grande", referindo-se a experiên-
cias obtidas na Revolução de
1893". Cabe ainda salientar que
as marchas no Rio Grande do Sul,
se não tinham o calor abrasador, a
falta de água e de alimentos, as
folhas da Macambira, castigavam
por motivos inversos. Como nos
mostra Isidoro, essa fragilidade
não existia:

"Com a friagem de uma chu-
vosa madrugada, as duas ho-
ras da noite o Batalhão mar-
chou a vontade, atrás da últi-
ma carreta. Os pés de palhei-
ros, amassando barro na es-
trada, e de vez enquanto com
a mochila as costas, uma res-
valada, e o focinho na lama.
Além da mochila, o pau de
fogo a tiracolo, barraca em
cima da mochila, e o paus de
barraca no ombro. A estrada
era ruem, os campos não
eram melhores. Na estrada
tinha lamas e possas d'água,
nos campos a margem da es-
trada, que beira. Sobravam
espinhos, de rosetas, mata
cavalo, carrapichos, picões e
ervas daninhas, e espinho
rasteiro fervilhava. Como se
sabe. Em campo o batalhão
em marcha, ninguém quer
estragar os coturnos, por eco-
nomia, marcha descalço.
Embora estropie os pés ma-
goa os dedos dos pés, e arre-
bente as unhas dos dedos dos
pés. Porque os coturnos, só
são pagos por trimestre, é
preferível estourar os pés, e
poupar os coturnos."(p.104-5)

Mesmo assim, as dificulda-

des extremas não deixavam de
permitir que o olhar do artista
Isidoro se manifestasse, em estilo
verdadeiramente poético, ao dizer:
*Por aquele mundo campineiro, ate
onde a vista alcança, tudo é deser-
to, lugar morto. Os campos são in-
findos, e naquelas verdejantes
campinas, o céu parece beijar a
terra.*" (p.105)

Para entendermos essa
época, não podemos deixar de
considerar o quanto as liberdades
individuais eram cerceadas, prin-
cipalmente para os homens co-
muns. Mas o ar tornava-se ainda
mais sufocante durante os perío-
dos de guerra. Podemos ver que
após a luta do Cerro do Ouro, em
São Gabriel, Isidoro deixava trans-
parecer essa condição. Após a
prisão de um grupo de maragatos,
entre os quais estava o sobrinho
de Gumercindo Saraiva, conheci-
do como Vasco, as autoridades lo-
cais decidiram libertá-los, devido
ao telegrama ameaçador que re-
ceberam do famoso e impaciente
tio: se o seu sobrinho não fosse
solto, beberia sangue republicano,
sem distinção de idade. Esse fato
causou imensa surpresa a todos,
como disse Isidoro:

"Dias depois pela a cidade,
corre a notícia, com viso de
verdade. De que o sobrinho
de Gumercindo Saraiva, e
seus companheiros tinham
sido postos em liberdade, e

tendo a cidade por homenagem. A princípio nem mesmo nos quartéis, ninguém quis acreditar em tais boatos. O que era uma coisa impossível, tal boato não podia ser verdade.”(P.128)

Em primeiro lugar, as notícias tinham sua circulação dificultada, senão realmente interrompida. Isidoro parecia não acreditar, ao dizer que *“tal coisa não podia ser, que seria uma coisa fora do natural, e mais do que impossível. Não há memória, que em tempo algum, tal coisa acontecesse, e ainda mais, por estas paragens.”* (P.128)

“A princípio, a maioria do povo, não acreditou em tal notícia, por ser descabida. Que para o presente momento seria um erro da natureza, uma coisa nunca vista. Mas, no entanto, e apesar dos pesares, o que parecia impossível, era uma realidade. Tal, que assombrou todo mundo, dentro da cidade de São Gabriel.”(p.128)

Esse espanto geral só pode ser justificado pelo que foi dito anteriormente. As decisões não eram imediatamente transmitidas, muito menos compartilhadas. Com o mesmo espanto foi recebida a notícia de que São Gabriel devia ser abandonada imediatamente. Para Isidoro, *“foi uma ordem inesperável que causou admiração e espanto a toda gente, civil e mili-*

tar. Como é que se abandona, uma cidade militarizada em pleno estado de guerra, e guerra civil?!”. Para ele, *“seria preciso, ser uma coisa mui grave, a que a ninguém era dado a saber.[...] por via dos fatos, os homens estão fazendo jogos confusos.”*(p.130)

Naturalmente, a situação de guerra envolvia sigilo. Porém, se o envolvimento do Exército na política não representava um problema, visto que alguns militares ocupavam cargos legislativos, a intervenção política dentro dos próprios quartéis quebrava uma regra básica. Afinal, não era permitido discutir tais assuntos dentro da caserna, pois isso criava uma luta interna que ameaçava a ordem interna, a disciplina e a hierarquia. O caso do treme terra nos faz ver uma luta entre militares castilhistas e maragatos, denotando o papel mediador dos florianistas. Mas, na verdade, as opções políticas eram inevitáveis, como demonstrava Isidoro, ao dizer:

“Se o soldado é político, é porque é homem, pensa ouve e sente, como qualquer outro mortal. Se nós soldados somos políticos, a culpa não é nossa, é que os maus exemplos vêm de cima. Se os senhores oficiais não fossem políticos, nós soldados jamais em tal pensava. O pensar e o dever do militar, é o de defender a intreguidade [sic] do território nacional, e a grandeza da

ndona, uma
pleno esta-
civil?!". Para
r uma coisa
ninguém era
ia dos fatos,
zendo jogos

situação de
Porém, se o
ito na políti-
m problema,
tares ocupa-
ros, a inter-
dos próprios
a regra bási-
ermitido dis-
entro da ca-
va uma luta
a a ordem in-
a hierarquia.
a nos faz ver
res castilhis-
tando o papel
stas. Mas, na
olíticas eram
demostrava

ico, é por-
sa ouve e
der outro
ios somos
o é nossa,
plos vêm
hores ofi-
políticos,
is em tal
e o dever
efender a
lo territó-
andeza da

Nação. E não os interesses
dos políticos profissionais,
que é o constraste da honra e
o dever militar.....”(p.140)

Podemos pensar que naque-
la época, os homens comuns não
tinham espaço para assumir livre-
mente suas convicções políticas.
Assim, embora as disputas entre
as elites gaúchas fossem vistas
pelo soldado de forma passional,
as coisas não eram bem assim:
dizia-se maragato. Tal escolha era
justificada da seguinte forma:

“Neste Estado politiqueiro, só
ha dois partidos políticos,
quem não é de um, é de outro.
Mas, o que é que vamos fa-
zer? nós e nós outros? se na
loucuras de nossas mocida-
des, as idéias maragatas, es-
tava em nossos ser. Sou sol-
dado bem o sei; nada e solda-
do é a mesma coisa. [...] mas,
se os senhores oficiais, podem
ter idéias políticas que não
devia de ter. Por qual razão,
que os soldados também não
podem ter”(p.158)

Como podemos ver, apesar
da insistência de Isidoro em dizer
que era maragato, revelava que
havendo apenas dois partidos, ti-
nha que pertencer a um lado. Ou
seja, realmente não havia neutra-
lidade. Com a chegada de Custódio
de Melo a Rio Grande, Isidoro pre-
feriu desertar, fugindo para a casa
de seus conhecidos, ao invés de
seguir seus companheiros de ar-

mas, que foram se juntar ao
Exército libertador. Aconselhado
pelos amigos, partiu para São José
do Norte. Porém, sua presença foi
notada pelos habitantes:

“Suspeito de ser baiano, isto
é, de ser natural dos estados
do Norte do país [...] As auto-
ridades da vila, vendo que eu
não era baiano, pelo o modo
de falar. Por descita de mi-
nhas desventuras, me sape-
cara na cadeia, como mara-
gato, o desertor. Embora em
política a deserção, eu nada
houvesse revelado. Mais eles,
não queriam saber de revela-
ções, que nada influem. o que
eles queria saber se eu era o
não, maragato o desertor.”
(p.141-2)

Preso pelo delegado de polí-
cia, acabou confessando que era
desertor, pois se assumisse suas
preferências políticas seria dego-
lado. Enviado para Rio Grande
passou um tempo na cadeia até
ser novamente admitido. O indulto
lhe salvara a vida. No entanto,
pouco tempo depois se envolveu
em outra situação que quase lhe
custou a vida. Em 22 de março de
1985, o “Treme-terra” foi desloca-
do para a “ Estação de Nascentes”,
entre Rio Grande e Bagé. Conforme
nosso narrador:

“Era uma hora da madru-
gã, estava eu de sentinela na
trincheira marechal de ferro.
Devido o que ouvia, os solda-

dos do Norte chegados a pouco tempo, eles contavam coisas fantásticas da Capital da União, e de Niterói. Que fazia a gente ficar todo arrepiado e receoso de uma surpresa de imprevisto. Bem que se sabem, que em tempo de guerra, é mentiras como terra. Mas, embora fosse mentiras, agente na ânsia de novidades. Acreditava em todas as [ilegível], que eles contavam, como se verdades fosse. Embora todas as imaginações de que é dotado o bicho homem ficávamos crentes no que eles diziam. Diz o adágio: quem conta um conto, aumenta um ponto, e é de fato."(p.152)

Foi nessas condições que Isidoro assumiu o posto de sentinela. Dessa vez, a natureza tomava outra forma. Embora o céu estivesse "*bordejado de estrelas*" (p.147), não existia espaço em sua mente para sentir o belo por muito tempo. Pelo contrário, pois ele estava ficando cada vez mais apavorado. E assim reclamava: "*eles, isto é, os soldados vindos dos Estados do Norte, inclusive o Rio de Janeiro. Se prevalecendo-se de nossa ignorância sobre os casos por lá passados. Contavam fatos e cenas de fazer arrepiar, até os cabelos de um calçado emaranhado.*"(p.152) E assim, Isidoro começou a ficar cada vez mais enfeitado: as mentiras pareciam verdades.

O quadro negro da noite era riscado pela imaginação por um lado e, por outro, pela realidade. O medo aumentava, na medida em que emergiam de sua cabeça monstros e fantasmas, mas também da real possibilidade de encontrar o inimigo, os marinheiros do Almirante Custódio de Melo. E assim, ao ver uma moita se mexer, alçou mira e disparou. O forte estampido colocou todos em polvorosa. Em pouco tempo, centenas de homens armados se aproximavam do atordoado sentinela. Despertar um batalhão inteiro durante a noite, sem razão aparente, era motivo para fuzilamento.

Podemos pensar que essas histórias assustavam pelo seu caráter fantástico, mas também porque a guerra trazia na sua violência, casos verídicos e igualmente assustadores. Embora não saibamos o que lhe foi dito, fica evidente que esse encontro agiu como dinamite: "*nós outros, piamente acreditávamos em suas rocambolescas meras fantasias.*"(p.152). Então, ao ver um tatu, Isidoro se lembrou que nas "*histórias de franceses [...] o homem se encanta, e vira bicho*"(p.155) e "*embora fosse um aluvião de mentiras*"(p.160), parecia verdade. Além do mais, acontecimentos imprevistos apareciam a toda hora, em parte pela própria surpresa que faz parte da guerra, mas também pela falta de

informação, geradora de descon-
fianças e medos.

“As notícias de guerra, como das cidades eram escassas ou quase nenhuma. Só se sabia alguma coisas, quando eram lidas, nas ordens do dia, regimentais do batalhão. Ou então, quando nos trens, passava pela estação de Nascentes os viajantes, quer de cima quer de baixo. Civis e militares, vindos do Rio Grande, ou de Bagé.”(p.160)

Digamos, também, que a falta de informações ou o controle delas tinham uma razão estratégica, pois faziam com que os soldados fossem mais facilmente manipulados. Conforme Isidoro, “*os senhores oficiais, sabia de muitas coisas tinham correspondência permanentes. mais o que eles sabia, ficava lá entre eles, e não chegava, a nós soldados*”(p.160). A retenção de informações pode ser vista no próximo trecho:

“Quanto cartas e outras correspondências, só havia para os senhores oficiais, e para mais ninguém. Para soldados e suas famílias só se fosse por mão própria de um ou outro, que viesse das cidades. Nas agências postais, a correspondências para soldados e suas famílias, era controladas, por ordens superiores. É que nas agências postais tem espões e controladores a serviço da política amarela. São eles, os

violadores das correspondências, mesmo de gente do governo. As correspondências ocultas por mãos próprias, eram muito em segredo. Todos nós, nos conformava, e nisto ficava. Sim a bem de todos nós, neste mundo, fora do mundo amarelo... Fim.” (p.160-1)

Podemos supor que existia também uma rede de “inteligência”, encarregada, por exemplo, de espionar os movimentos que prejudicassem os planos da “política amarela”, nome dado por Isidoro aos planos e desígnios da política castilhistas. Por sua vez, chegavam as notícias do fim da guerra. Em agosto de 1895, a banda de música do 12º foi convocada para o solene momento da assinatura do tratado de paz, em Pelotas. Vestindo seus uniformes de gala, a bela túnica preta com seus botões dourados faziam-nos sentir como se fôssemos soldados de “Napoleão”. A alegria era tanta que o povo “*chegou as raíças do delírio*”. (p.165)

Por sua vez, o povo estava alheio as decisões políticas. Tratados como “gado” eram forçados a guerrear, na medida em que não havia espaço para a neutralidade, essa construção de identidades acabava tomando conta de todos, mobilizando sentimentos, criando expectativas e filiações. Embora algumas dessas adesões, vindas mesmo dos quadros hierárquicos inferiores deviam-se a interesses pessoais, como a promes-

sa de emprego, por exemplo, não era esse o caso do jovem Isidoro, nem da maior parte dos seus companheiros de farda. Em vários momentos de sua vida que ele afirmou que não era tão apaixonado quanto dizia, pois agia coagido pela falta de liberdade, pela faca opressora e assassina da “hiena do cati”, apelido dado ao Coronel João Francisco. No entanto, o clamor político, mesmo sendo construído pelas elites, criava adesões inconscientes, como podemos ver nas festividades durante a assinatura da “Paz de Pelotas”: “Nas manifestações dos cabos de guerra, no hotel onde estavam reunidos. Do meio do povo, uma besta gritou, viva o Dr. Júlio Prates de Castilhos. não teve eco, o povo respondeu, viva Dr. Prudente de Moraes Presidente da República.”(p.166)

Esse trecho é revelador, no sentido de que ao pronunciarem o nome de Prudente de Moraes, ao invés de Gumercindo Saraiva ou Silveira Martins, demonstravam que se aceitavam a derrota dos federalistas, não se sujeitavam ao governo de Castilhos. De certa forma, a luta continuava. Por sua vez, o novo comandante do “Treme-terra” trazia uma certa tranquilidade ao quartel. O Tenente-coronel Tristão Sucupira de Alencar Araripe, homem de confiança do general Cantuária,

investiu contra os oficiais castilhistas que pressionavam seus comandados. No entanto, a situação de calma era aparente.

O estado de alerta não tinha desaparecido da mente da tropa que, ao saber de sua transferência para Pelotas, através de boatos, entrou em convulsão. O quartel começou a “pegar fogo”. O subtítulo “Ódio Político” mostra bem esse revês. Para Isidoro, *“esta política amarela, provocou na soldadesca sede de ódio e vingança, contra seus irmãos de farda. Verdadeiramente apaixonados por esta nefasta e odiosa política pessoal, que domina a opinião pública no Brasil.”* A idéia de que os soldados do 29º batalhão de infantaria de Pelotas, seus antigos rivais, iriam ocupar seu lugar, gerou um ódio incontrolável, favorecido por aqueles que espalhavam o boato.

Conforme Isidoro, “Hoje como ontem, o velho Treme-Terra, era malquisto, pela a grei Castilhista de triste minoria. Agora o ódio em Sena e o Batalhão transferiu [...] Da cidade do Rio Grande, para a Cidade de Alegrete, quase na fronteira”. As razões da transferência estavam no “margatismo”. Recorrendo a outras fontes, podemos ver que a notícia da transferência chegava aos jornais. Diante disso, os desafetos começaram a reaparecer:

ficiais casti-
navam seus
tanto, a situa-
rente.

ta não tinha
nte da tropa
a transferên-
avés de boa-
lsão. O quar-
jar fogo". O
tico" mostra
ara Isidoro,
la, *provocou*
le ódio e vin-
mãos de far-
apaixonados
liosa política
a a opinião
idéia de que
batalhão de
s, seus anti-
par seu lugar,
ntrolável, fa-
s que espa-

Idoro, "Hoje
Treme-Terra,
ela a grei
te minoria.
e o Batalhão
dade do Rio
de Alegrete,
As razões da
m no "mara-
o a outras
que a notícia
gava aos jor-
os desafetos
cer:

"Maldozamente e por arte do
demo, pello o quartel correu a
notícia, de que o 12º ia sair do
Rio Grande, por castigo. Para
que o 29º de Infantaria seu
rival político, viesse ocupar o
seu lugar na cidade do Rio
Grande. O boato; foi inteli-
gentemente preparado e pro-
pagado, e os seus efeitos, não
se fizeram esperar. O resulta-
do foi o mesmo que mexer em
casa de marimbondo, e de
abelha cabocla e mandaçaia
Como era de prever-se entre
os soldados provocou ódio e
sede de vingança. Se bem
que era uma ordem superior,
que tem de ser obedecida."
(p.172)

E assim, Isidoro explicava os
motivos da revolta ao dizer que "*o*
12º Batalhão de Infantaria que du-
rante a revolução, nunca mereceu
confiança da politicalha amarela.
Sempre suspeito e odiado por
[cheirar] idéias contrarias, aos os
usurpadores, da liberdade publi-
ca". (p.171) No entanto, o novo co-
mandante tinha um papel central,
na medida em que "*reviva as*
idéias, a três annos adormecidas,
mais sempre vivas, que é o mara-
gatismo". (p.171) A idéia de que o
Tenente-coronel Sucupira estava
envolvido na luta política nunca
foi cogitada por Isidoro e o que
veremos, mais tarde, é que não
existia nenhuma neutralidade.

Por hora, o quartel estava
explodindo. Conforme ia se apro-
ximando a hora do embarque,

mais aumentava o descontrole dos
soldados. O quartel foi virado de
cabeça para baixo, sem que os
oficiais conseguissem retomar o
controle, pois "*a agitação era me-*
donha, os soldados no delírio de
suas loucuras, não tinha mais a
medir nas suas tambem safadezas.
Quando em um ponto serenava um
distúrbio, rebentava dois e três em
outro".(p.174) Quanto aos respon-
sáveis pelo tumulto, Isidoro fazia
a seguinte indicação:

É que nesta agitação de
quartel não havia um cabeça,
cada qual agia por si. Todos
doidamente faziam o que lhes
desce na cabeça, de o faze-lo.
Se infelizmente houvesse
uma cabeça, o que seria fatal
para um e para outros. Houve
um momento em que o quar-
tel ficou como um hospício, e
os doidos em delírio."(p.175)

As dependências internas do
quartel foram destruídas. As latri-
nas foram despejadas no pátio,
nas paredes foram escritas pala-
vras contra o castilhismo, parte do
patrimônio foi destruído e quase
que o próprio quartel foi incendia-
do. A situação só foi controlada
com a chegada do comandante, a
cavalo, cuja imagem guardava o
respeito de todos os revoltosos.
Porém, restavam ainda aqueles
que não aceitavam que o 12º dei-
xasse a cidade, como Mestre da
Banda, o Sargento Inocêncio. Por

ordem do comandante, foi preso, de forma que não mais influenciasse seus companheiros, fato que nos mostra que o maragatismo do comandante era aparente.

Quanto a seus pares, Isidoro mantinha uma opinião duríssima, sem deixar de explicitar as razões. Para ele, os problemas surgiam dos maus governantes. O “Treme-terra”, era “*e sempre foi um paiol e depósito de maus elementos e incorrigíveis vindos do Norte do país, a bem da disciplina*”.(p.178) Para o jovem soldado, a má fama devia-se ao descaso e aos maus tratos que recebiam dos oficiais, ao infligirem os mais duros castigos físicos, lembrando a pedagogia do chicote, oriunda da escravidão. Quanto a procedência dos soldados gaúchos, sabemos que os que não eram voluntários ou camponeses pegos a “*pau e corda*”, vinham das prisões ou das ruas, perfazendo o caminho da escola de aprendizes-marinheiros até o recrutamento forçado. Ou seja, constituíam-se na própria “*dangerous class*”:

O Treme-terra chegou em Alegrete em outubro de 1896. Da Bahia, em abril de 1897, Isidoro registrou a vida em Alegrete: foi uma tranqüilidade, “*para nós, com dupla satisfação e regozijo [...] um bom lugar para soldado viver, como de fato é mesmo*”.(p.198) O clima, as pessoas, a água e o ar, tudo era

maravilhoso, a não ser o Conselho Municipal, que era castilhistas. Tratava-se, dizia, da verdadeira “*democracia natural*”, onde “*até as janelas e portas das ruas são maragatas*”.(p.202-3) É claro que, estando longe das tensões políticas, a vida ganhou novas cores.

“Todos nós, alegre e satisfeitos, sem jamais pensamos nas revoltas dos tempos presentes. Nós embora estivesse bem estalado na vida, já estávamos com a pulga atrás da orelha. Para nós, de um momento para o outro, já esperávamos qualquer novidade sincera vindas do norte do país. Onde as coisas por lá, já não andavam muito boas, o que era um mau agouro.” (p.205-6)

Porém, os futuros acontecimentos mudaram drasticamente esse quadro. Embora a falta de informações fosse esperada, as primeiras suspeitas começaram a surgir. A queda do Coronel Moreira César teve uma imensa repercussão. A notícia correu por todos os jornais, embora os chefes republicanos tentassem manter esse fato em segredo. Em 18 de março de 1897, o “Treme-terra partiu para Canudos: “Pelo o que se sabia e se falava, estava cheirando chamusco, e fogo na canjica. O 12º de Infantaria; embora estivesse no interior do Estado, teve ordem de marcha para o Norte do país, onde estava pegando fogo. Todo

Batalhã
bril par
to do de
Co
lha era
soldado
do a “C
tornara
na”, na
de ser
decend
ram rur
ra. Por
coberto
Isidoro,
jovem
grande
sertões
ções m
três ani
monge
(p.206)
perigo”
aos bra
rem em
de viag
chegav
Batalhã
até o n
Do nav
extasia
contorn
Que be
panorã
janeiro.
laços d
visitado
Moraís,

r o Conselho
castilhista.
verdadeira
onde "até as
s ruas são
É claro que,
nsões políti-
vas cores.

satisfei-
amos nas
resentes.
sse bem
stávamos
a orelha.
nomento
arávamos
sincera
ais. Onde
ão anda-
é era um
5)

os aconteci-
asticamente
a a falta de
esperada, as
omeçavam a
tonel Moreira
sa repercus-
por todos os
efes republi-
ter esse fato
de março de
partiu para
se sabia e se
ndo chamus-
a. O 12º de
estivesse no
ve ordem de
do país, onde
fogo. Todo

Batalhão entrou em atividade fe-
bril para marchar em cumprimen-
to do dever."(p.206)

Como vimos, a falta de esco-
lha era recorrente. Para Isidoro,
soldado não tinha "vontade", devi-
do a "Guerra do Paraguai", onde
tornaram-se "escravos da discipli-
na", na medida em que deixavam
de ser "cidadãos". Portanto, obe-
decendo as circunstâncias, parti-
ram rumo a uma nova e dura guer-
ra. Por sua vez, os fatos eram en-
cobertos pela mentira. Mas, para
Isidoro, "*no presente momento; a
jovem república está correndo
grande perigo, lá nos inóspitos
sertões Baianos. Já quatro expedi-
ções militares, uma derrotada e
três aniquiladas pelos fanáticos do
monge Antônio Conselheiro*".
(p.206) O anúncio da "Pátria em
perigo" era divulgado. Restavam
aos brasileiros de coragem corre-
rem em seu auxílio.

No dia 30, após dois dias
de viagem, o navio Carlos Gomes
chegava ao Rio de Janeiro. O
Batalhão embarcado ficou isolado,
até o momento de seguir viagem.
Do navio "*todos nós, estávamos
extasiados contemplando o belo
contorno, da Bahia da Guanabara.
Que beleza, que lindeza, é a vista
panorâmica da cidade do Rio de
janeiro*".(p.214) Para reforçar os
laços de solidariedade, o navio foi
visitado pelo próprio Prudente de
Moraes, que trazia na mão direita

uma "viçosa" rosa branca, símbolo
da República. Os militares, dis-
postos em formatura, olhavam
atentamente para o Presidente da
Nação que subia a escada do na-
vio, acompanhado de sua comiti-
va. Logo, o navio seguiu viagem,
rumo a Salvador. A solenidade,
rica de símbolos e gestos, servia
para reforçar os laços identitários
daqueles homens com seu próprio
batalhão, com o Exército e com a
República que nunca lhes dera
nada. Em 2 de abril chegaram em
Salvador, onde uma nova soleni-
dade aconteceu, sob o comando
do General Cantuária: "Sua
Excelência mandou, que a banda
de musica primeiramente tocasse
o dobrado Saudades de minha ter-
ra, e depois o dobrado Saudades
de Porto Alegre. Assim foi que o
batalhão em marcha, pelas as-
ruas da cidade, ia enchendo os
ares baianos com alegres sons de
músicas gaúchas."(p.217)

Alojado no Forte de São Pedro,
Isidoro saiu pela cidade a fim de
conhecer todos os cantos. Nas ho-
ras de folga, "*a pé e de bond, ancio-
zo de tudo ver: remechir a cidade de
Pyrajá. Que lindeza que beleza, vi
coisas que jamais tinha visto. Na
verdade, [...] tem muito o que se
ver*".(p.218) O jovem percorria as
ruas da bela Salvador, guiado pelos
olhos curiosos, autores de seu des-
tino. Dizia Isidoro que "sempre
ouvi, os soldados contarem que na

capital Baiana havia muitas igrejas, 365. Quis ver muitas igrejas não todas, por ser impossível.:

"Em proporção: ha mais igrejas e conventos na capital Baiana, do que casas de moradia. Os baianos quando morrem não vão para o inferno, por mais criminosos que seja. Estão bem guardados, garantidos e amparados, por suas crenças religiosas. Pode ser ele, o maior criminoso, vai para o céu direitinho, bem juntinho, a Nosso senhor Jesus Cristo. Dizem, não sei: que o grande presidio do estado, esta abarrotado, de anjinhos baianos devotos. Se assim é, as religiões não estancam os crime, pelo o contrário, fermenta" (p.218).

Como sabemos, homens de diferentes regiões se encontravam nos quartéis. A identidade entre eles se dava de diversas formas; ao compartilhar a mesma profissão, o mesmo país, etc. Por isso, diminuía as distâncias entre si, na medida em que partilhavam suas histórias pessoais e apresentavam seu mundo. Porém, tratando-se de um "outro" no espaço, a sensação de estranhamento, de choque entre autoridades, aparecia no espanto e na falta de compreensão. Longe daquilo que lhe era comum, um mundo novo saltava-lhe aos olhos. Como narra Isidoro, ao chegar na colônia do Patrocínio, em Sergipe:

"Eu que nunca em minha vida, vi e comi jenipapo, fiquei enjenipapado, e quase entupido. [...] Jamais em minha vida, comerei tão para mim ofensivo e provocante fruto. [...] É aqui, onde pela a primeira vez na vida vi a tão falada aranha caranguejeira. Bicho horrível e nojento, que faz calefrio e medo a toda gente. Dizem não sei que só faz bem as inocentes crianças. As mães dela arrancam a preza, e em um cordão põem no pescoço de seus filhinhos. Que quer, quebra quebrante, mau ar e mau olhado, e outros males."(p.220)

A natureza não era mais confiável e as novidades não eram necessariamente boas: o desconhecimento da região tornava-se um obstáculo. O estranhamento trazia dúvidas, cuja concepção de mundo, herdada e transportada, pouco ajudava a explicar a realidade. Os critérios de compreensão vindos de fora, mostravam o desconforto e a dúvida diante do desconhecido: "*Pode ser que não seja, como também pode ser que seja. Sobre isto não digo nada, creio e não creio. Para nós do sul, que não somos mãe, aguardamos respeito, as superstições dos sertanejos.*" (p.221) No entanto, Isidoro continuava a observar tudo:

"Outro caso vi na colônia do Patrocino que me causou espécie. Não só a mim, como a muitos outros filhos de outros

m minha
apapo, fi-
e quase
ls em mi-
tão para
rovocante
de pela a
a vi a tão
nguejeira.
ento, que
o a toda
ei que só
es crian-
rancam a
ção põem
filhinhos.
uebrante,
o, e outros

io era mais
des não eram
as: o desco-
o tornava-se
tranhamento
concepção de
ransportada,
licar a reali-
compreensão
ravam o des-
iante do des-
que não seja,
ser que seja.
nada, creio e
sul, que não
nos respeito,
sertanejos.”
sidoro conti-
o:

plônia do
ausou es-
i, como a
de outros

Estados, mesmo dos Estados do Norte. Pouco além dos pés de jenipapo, é um terreno sem vegetações. O terreno é assim como roxoterra e peganhento, assim como [sobre]. Quando chove, as águas ficam empossadas nas covas dos terrenos, e as covas dos cascos dos animais. Água toma a cor do leite. Se bebendo da água leve macia saborosa e fresca, parece que se estar tomando leite. É uma delícia, em beber-se daquela água. Sem exagero nenhum, é o mesmo que se esteja bebendo um copo de bom leite. O que é que há no terreno? São mistérios da natureza. A quem a ninguém é dado a saber, só Deus...Fim.”(p.222)

Os questionamentos de Isidoro não encontravam resposta sobre essa tal “fonte de leite”. Sobre esse fenômeno, encontramos interessantes elaborações nos escritos medievais: As galactites, “*de cor leitosa e, triturada, dá origem a um suco com sabor de leite: quando as mulheres que estão amamentando a levam consigo, fecunda seus peitos: dependurada no pescoço dos meninos, diz que [os faz] produzir saliva: na boca se desfaz e faz perder a memória.*”⁵ De certo modo, ambas as fontes são portadoras de idéias semelhantes. Assim, a região identificada como Sertão parecia cada vez mais estranha e exótica.

De Simões Dias para fren-

te, Isidoro não mais voltou ao seu diário, somente meses depois, quando a guerra já tinha terminado. O novo capítulo marca, de forma significativa, a impressão de estranhamento que aquela experiência lhe causara. “Para o Desconhecido” comporta justamente a inversão de sentido contido no subtítulo anterior, “Rumo ao Sertão”. Naquele, retoma a escrita de seu diário memorialístico: tornou-se aquele que viu e sobreviveu. As idéias refletiam através da tinta vermelha, uma opinião que amadurecia: buscava o saber. Mas algumas coisas não mudavam. A natureza continuava hostil, o mundo continuava sem estradas, “*emaranhado em sua própria vegetação: “Difícil para nós, e fácil para os sertanejos. Que nasce e vive, e morre naquele mundo de mataria, e capoeiral...”*”(p.225) Porém, Isidoro também contemplava as belezas da terra ignota:

“Na mata fechada, ao lado apostado onde nós estávamos cestiando. Cantava na mata o belo pássaro, que é conhecido, por araponga, que no sul é chamado, por ferreiro. Cantava outros pássaros e passarinhos das brenhas do sertão baiano. Para nós viandantes pelo o sertão, era um belo espetáculo no norte do

5 (SEVILHA.396)

paiz. Em ouvi, naquelas selvagens paragens os cantos dos pássaros nativos. Era um soberbo conserto florestal dos líricos pássaros em plano sertão Baiano.”(p.230)

Contudo, se a natureza parecia estranha, a atitude dos homens daquela região também era. Quando a coluna Savaget chegou em Jeremoabo, Isidoro se interrogou sobre o fato da cidade ter sido abandonada, restando apenas um casal. “*O homem por já ter sido praça do 9º de infantaria aquartelado na Capital do Estado. A mulher por ser a mulher do homem, que já tinha sido praça na capital do Estado, e já estava civilizado*”. Portanto, o resto da cidade parecia-lhe ter um comportamento bárbaro. Além disso, por fugirem da cidade, Isidoro imputou uma cumplicidade entre eles e Antônio Conselheiro, ao dizer que aquela atitude representava “uma prova de que todos estavam mancomunados no mesmo crime, se é que crime havia”. E, assim, mudou de opinião: “*o que mais tarde ficou provado, de que crime não havia. O que ficou provado: é que havia desonestidade e falta de critério de gente grande da situação política estadual*”.(p.234) Longe do campo de batalha, Isidoro resignificou sua percepção sobre os fatos. O vivido transformava-se, sob a luz da reflexão e da crítica, em conhecimento.

As difíceis condições da marcha, “*dando cabeçadas nos paus, e esbarre nos espinhos, que era o que mais havia no matagal*” pareciam um inferno “*para nós filhos do sul*”, enquanto para os “*Nortistas, era um recreio tão a seu jeito e gosto*”. Ao que, acrescentava: “*Como é diferente a natureza, o Sul com seus campos abertos, e o Norte com Mattos fechados*.”(p.238) Esse sofrimento aumentava, na medida em que o próprio Exército desconhecia as dificuldades que seriam enfrentadas. A utilização de roupas inadequadas, por exemplo, foi motivo de acidentes terríveis, como as queimaduras causadas pela folha verde do Cansanção, “*Eu fui vítima dessa maldita planta selvagem lá no Passo da Ema. Sem saber, toquei com o braço nela, isto nas verdes folhas. Fiquei com o braço em fogo ardente. Depois o braço inchado vermelho e inflamado, que sentia calor e calafrio*.”(p.241) Por outro lado, o terreno tórrido, a falta de água, a vegetação e a fauna ameaçadoras davam espaço à natureza mantenedora e providencial. A coroa-de-Frade, por exemplo, era uma fonte de água e comida espalhada pelos campos.

“A coroa-de-frade, é um fruto nativo da zona, [...] Tal qual como usa em seus barretes os soldados espanhóis, e todo feipudo. É um bom fruto, tem o gosto pepino, e do branco da melancia. Comendo: mata a fome e a sede dos viandantes do sertão. É sabido por

tok
ser
de
do
ser
co
De

I
os solda
região,
pois ace
compan
mos de
Isidoro e
de utili:
se referi
sos capi

“D
po
do
Su
ce
mi
Se
Co
os
qu
gu
fil
dr
tu

Fa
inimigo
combat
Brasil l
recurso
mirávei
res difi
tados à
invent
lutar. I

ções da mar-
nos paus, e
que era o que
l" pareciam
lhos do sul",
ortistas, era
rito e gosto".
"Como é di-
ul com seus
Norte com
8) Esse so-
na medida
rito desco-
que seriam
ção de rou-
exemplo, foi
ríveis, como
das pela fo-
ção, "Eu fui
planta selva-
na. Sem sa-
ço nela, isto
ei com o bra-
pois o braço
lamado, que
."(p.241) Por
rido, a falta
e a fauna
paço à na-
providencial.
exemplo, era
omida espa-

todos viandantes, isto é do sertão do Brasil. Que a coroa de frade, tem o misterioso dom, de matar a fome e a sede. Foi o que nos valeu do contrario nem é bom falar, só Deus o sabe.. (p.242-3)

É sabida a importância que os soldados, provenientes daquela região, tinham para a Expedição, pois acabavam ensinando aos seus companheiros de farda os mecanismos de sobrevivência. Além disso, Isidoro evidenciou uma outra forma de utilizar essa sapiência, quando se referiu ao interrogatório dos presos capturados durante o percurso:

"Dos interrogatórios feitos, pouco o nada ficou esclarecido. O Sr, comandante Tristão Sucupira é cearense conhecedor dos usos e costumes e manhas dos matutos do Sertão, e de suas facetas. Com jeito e manha também os interrogou de tal forma, que tudo descobriu. Os jagunços confessariam tudo, filhos de quem eram, e os padres que os batizou, ficou tudo claro."(p.245)

Faltava a tropa conhecer o inimigo. O enigmático poder de combate dos sertanejos, deixava o Brasil litorâneo tonto. Da falta de recursos surgiam combatentes admiráveis que, resistentes às maiores dificuldades climáticas e adaptados às duras condições da terra, inventavam uma forma original de lutar. Invisíveis aos milhares de

olhos, causavam surpresa e medo pela pontaria certa e pelo grande estrago que faziam nas forças militares. Um bom exemplo é a munição utilizada: "*Eram balas por eles fabricadas, de pontas de chifres. Balas fatais, quem por elas atingidos, jamais escapará. Das forças atacantes, de quando em quando um homem tombava e não mais se erguia.*" (p.251)

Tempos depois, chegaram no famoso sítio do "Macambira", onde finalmente puderam descansar e saciar a fome e a sede. Isidoro, embora estivesse longe da guerra, narrava os fatos utilizando a conjugação no tempo presente, tal era a sensação de realidade que suas evocações proporcionavam: "*Companheiros vamos aproveitar, enquanto há o que se coma neste belo e maravilhoso manancial no sertão Baiano. Não sabemos se para a frente: há, ou haverá destas belas petisqueiras, que por aqui abunda.*" (p.274) Podemos ver que a incerteza continuava presente em suas lembranças.

A Guerra de Canudos remete a cenas de bravura e de horror. Isidoro comentou diversos acontecimentos marcantes e que estão presentes em vários relatos, como é o caso da cena em que um grupo de conselheiristas tentam destruir alguns canhões, valendo-se apenas da força de seus braços. Porém, existem outros casos que retornam com seu depoimento e que mostram episódios crudelíssimos, normal-

mente cometidos pelos soldados. Assim, Isidoro descreve momentos de verdadeira caçada humana, na medida em que a guerra embrutece corações e encobria os atos mais torpes. Naquelas condições, alguns homens eram capazes de tudo.

Para Isidoro, os soldados estavam fatalmente endurecidos: "pode ser que tenha mas faz crer que soldado na guerra não tem coração humano jamais o terá, e mesmo é de duvidar. É que nestes tempos de salve-me eu, não há lugar, para sentimentos humanos. Pelo menos, os fatos tem provado, que assim é."(p.281) E a narração dos fatos não deixava dúvidas. O desespero levava alguns soldados a se aventurarem em busca de comida. Segundo Isidoro, o primeiro a tentar foi um soldado conhecido como Guaxinim:

"Um homem qualquer, para afrontar o mundo desconhecido, e ainda mais ajagunçado. Só mesmo leão, e não ter amor a vida. Foi ele, qual outro Cristóvão Colombo, que desvendou o mistério, e abriu caminho para outros aventureiros passarem. Foi um assombro pois naquele inferno, se é que inferno existe, o que não é de crê. Para todos os lados que se vira, se vê a morte de canjica arreganhada.....[...] É como se diz, é tempo de Murici, cada qual que cuide em si, que Deus cuidara de todos".(p.245)

Quando encontravam, ao invés de água e alimento, pessoas, os desejos mais bestiais afloravam, como é o caso da reação de um soldado que, localizando três prováveis conselheiristas, sacou a arma e atingiu um deles com um tiro certo. Os outros dois, um rapaz e uma mulher, fugiram apavorados. Sintomática foi a reação causada pela raiva descontrolada ao ver a presa feminina fugir. Isso fez com que o soldado, após humilhar duramente o ferido, esfacelasse sua cabeça a coronhadas.

Por essa e outras razões, o desejo de que a guerra chegasse ao fim era compartilhado com fervor. Isso pode ser observado no próprio desconhecimento da situação da guerra, gerando expectativas desajustadas, como a idéia equivocada de que o encontro das duas colunas era o aviso do fim da guerra. Tais anseios remetiam a uma falsa impressão. E assim, Isidoro se questionava: "*Por que é que há: tanto regozijos por estas alturas do sertão Baiano? É porque, pelas quebradas das serrarias e montanhas, ouve-se se longe e bem longe o troar da artilharia da 1ª Divisão. Que pelo menos, a esta hora, estava bombardeando a formosa cidadela de Belo Monte*".(p.281) Surgia o primeiro indício de que Canudos estava prestes a ruir; porém, não de forma fácil, nem rápida. A primeira coluna se encontrava em sérias dificuldades e o General Savaget, sentindo a iminência do desastre, ordenou o ataque.

avam, ao in-
, pessoas, os
s afloravam,
ão de um sol-
rês prováveis
u a arma e
um tiro cer-
um rapaz e
apavorados.
ção causada
ada ao ver a
Isso fez com
milhar dura-
lasse sua ca-

as razões, o
chegasse ao
o com fervor.
do no próprio
situação da
tativas desa-
a equivocada
duas colunas
guerra. Tais
ma falsa im-
loro se ques-
ue há: tanto
iras do sertão
as quebradas
has, ouve-se
o troar da ar-
o. Que pelo
tava bombar-
adela de Belo
o primeiro
udos estava
não de forma
rimeira colu-
érias dificul-
aget, sentin-
sastre, orde-

"Mil vezes uma guerra com uma Nação estrangeira, do que um Canudos Brasileiro"(p.316), dizia Isidoro. Sem dúvida, as calamidades aumentavam a angustia das tropas que ansiavam pela chegada de mantimentos. Além disso, a censura experimentada em 1893 continuava: "*cartas e jornais, só quem recebia, eram os senhores oficiais.*"(p.334) No morro da Favela, os soldados amargavam as mais duras necessidades e, para piorar, os conselheiristas continuavam lutando obstinadamente. Conforme Isidoro, todos estavam "*ali exposto a estes três impossíveis, invisíveis inimigos, balas, sede e fome*". Nessas condições, o umbuzeiro era providencial: "*No infeliz reduto da Favela, de triste e dolorosa lembrança, para nunca mais. Toda a população afavelada, passou 14 dias em jejum, sem comer um grão de feijão, ou de arroz. Quem não dispunha de dinheiro, se alimentava das batatas do umbu.*"(p.366)

Pelo que tudo indica, a sobrevivência tornava-se possível graças a circulação do conhecimento sobre a terra, cujos mestres eram os próprios sertanejos, vestidos ou não como soldados. Somente a chegada do comboio, trazendo mantimentos e homens descansados, revigorou o espírito dos fatigados combatentes. No dia 18 de julho de 1897, as tropas avançaram sobre Canudos. Para Isidoro, "*a famosa cidadela de Belo*

Monte, que parecia ser invencível, antes tantas balas de canhões", foi descrita da seguinte forma:

"Cada uma casa, era uma trincheira dos renitentes jagunços. Isto é, aquelas feras indomáveis, homens mulheres e crianças. As ruas não são bem alinhadas, mais são regulares e bem harmonizadas, não são becos sem saídas. Enjaulados, naquelas casas trincheiras, estavam ferozmente lutando, homens mulheres e crianças. Cada qual os mais assanhados, contra nós, os invasores." (p.336)

O Exército começou a destruir a resistência hercúlea dos conselheiristas. Para Isidoro, Canudos era quase invencível, mas "*por ventos contrários as leis de Deus*", ficou completamente arrasada. A igreja nova, "*formidável fortaleza*", que "*por muito tempo zombou das balas dos canhões*", só conseguiu ser derubada pela dinamite."(p.359) Ao mesmo tempo, se perguntava porque tudo teve que ficar arrasado. A resposta foi direta: "*Para excremento do futuro, se o futuro não for pior que o presente*".(p.359) Enfim, seguiu-se o último espetáculo de horror, quando os prisioneiros começaram a ser massacrados. Nesse momento, Isidoro fez questão de pontuar o estatuto de verdade da narração seguinte, explicitando a autoridade de seu olhar:

"Os fatos que segue parece incrível, mais não é, é realidade. Cruéis e cruéis verdades, embora parece impossíveis. Que os enfatuados, nega não lhes agrada saber. É duro e cruel fere como o fio da espada lamina de fino aço. Quer goste, quer não goste, não deixa de ser verdade. Em todo caso: deixamos os enfatuados e afortunados, e vamos aos fatos, que são reais. Todos nós, fomos testemunhas da senas desumanas, depois da guerra acabada."(p.359-60)

Conforme o depoente, no passo do Rosário foram fuzilados centenas de velhos e mulheres. Isidoro achava incrível que tais atos pudessem acontecer nos "tempos modernos", ao que ironizava: "*no seu não fanatismo e consensiosos religiosos romanos*" e "*ainda mais por beatos e carolas de farda as costas, em um país cristão.*"(360) Para ele, a Guerra de Canudos representava uma "*vergonha eterna para a geração que passa e fazia doer a alma e os corações mais duros.*"(p.360) Mas "*eram jagunços, tinham que desaparecer, embora vencidos.*"(p.361) Para ele, a moral cristã dos brasileiros parecia não existir:

"Atos tais só podia ser praticados nas eras pagãs, na antiguidade, onde o ser humano, era um objeto sem valor. Mais no Brasil na era Christã é de pasmar, é ato selvagem. Já não é mais selvagem, e satã-

nico.[...] É que o Brasil, ainda não está civilizado e doutrinado. Como os países semi-bárbaros ocupa um lugar de destaque."(p.362)

Ao Coronel Carlos Teles, conhecido pelo cerco de Bagé, durante a Revolução Federalista, foram entregues quase uma centena de prisioneiros. Porém, conta Isidoro que o mesmo disse: "*- não enodeo meus galões, com atos de covardia*"(p.363) Em seguida, libertou-os. Isidoro teceu todos os elogios possíveis ao admirável ato de seu comandante. Enfim, marcharam pelas ruas de Salvador, no dia 9 de outubro, "*vencidos, mas não convencidos*"(p.367), sob os olhares de uma platéia "*indiferente*"(p.368) à vitória da República, "*a quem detesta e odeia.*"(p.368) Em 28 de maio de 1898, Isidoro terminou seu relato sobre Canudos.

Se Isidoro testemunhou a guerra, trazendo muitas novidades, parte delas foram conhecidas de forma indireta, através de histórias, boatos e jornais. Fica difícil precisar de onde elas vieram, a não ser nos casos em que evidenciava a origem, através do "ouvi dizer", "li em certo jornal". Tempos depois, quando a guerra já tinha acabado, Isidoro sistematizou suas idéias sobre as causas da guerra.

Ao percorrermos as pegadas que o diário de Isidoro Virgínio fixaram, encontramos fronteiras ou

limites es
vida, cujas
tadas pelc
das em se
para final
em seus
Quanto a
Vivida - ,
título inc
mente o m
o enigma
Por isso, e
rindo uma
ce plausiv
Em
cebo que
jetivo apol
na medid
qualquer
dar o non
sociedade
pessoal, p
de livre

REFERÊ

CUNHA, Euclis
Recórd, 20

HARTOG, Fran
sobre a fro
Editora UF

il, ainda
doutri-
es semi-
lugar de

s Teles, co-
agé, durante
a, foram en-
itena de pri-
Isidoro que
nodeo meus
ardia”(p.363)
s. Isidoro te-
possíveis ao
comandante.
las ruas de
utubro, “ven-
idos”(p.367),
uma platéia
vitória da
detesta e
de maio de
seu relato

emunhou a
s novidades,
rhecidas de
de histórias,
difícil preci-
n, a não ser
idenciava a
vi dizer”, “li
pos depois,
ha acabado,
suas idéias
rra.

as pegadas
Virgínio fi-
onteiras ou

limites estabelecidos pela vida vi-
vida, cujas experiências forma cap-
tadas pelos olhos e ouvidos, grava-
das em seguida no córtex cerebral
para finalmente serem registradas
em seus pequenos cadernos.
Quanto ao título – A Vida Mal
Vivida -, fico penhorado a um obs-
táculo incontornável que é justa-
mente o mistério de seu significado:
o enigma da esfinge exige resposta.
Por isso, encerro esse artigo suge-
rindo uma explicação que me pare-
ce plausível e, talvez, sustentável.

Em relação a Canudos, per-
cebo que Isidoro não tinha um ob-
jetivo apologético na sua descrição,
na medida em que não existia
qualquer pretensão de salvaguar-
dar o nome das instituições e da
sociedade. A leitura que realiza é
pessoal, pois o diário era um lugar
de livre expressão, próprio para

transformar seu pensamento na
mais aguda crítica. Fora dali, não
existia tal espaço.

Enfim, o diário era o lugar do
exame, da busca da coerência, da
superação do erro: um lugar de sen-
tido, sentimentos e verdade. Por
isso, muitas vezes Isidoro avançou
para depois recuar, percorrendo o
caminho inverso, descontraindo o
que tinha pensado para depois eri-
gir um pensamento mais concreto:
assim, a República é que era fanáti-
ca, bárbara e anti-cristã. Contudo,
se esse espaço de des-convenci-
mento foi intitulado “A vida mal
Vivida”, tal escolha deveu-se às
mentiras, às guerras, à exploração
do trabalho, aos preconceitos e a
própria sensação equivocada de
que o aprendizado advindo da ânsia
aventureira de um jovem, trariam o
fim de uma solidão inexaurível.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

- JOBIM JÚNIOR, Carlos Perrone. *A Vida Mal Vivida - Diário de um maragunço*. Porto Alegre: dissertação de mestrado/ UFRGS, 2002.

- SEVILHA, Isidoro (san). *Etimologias*. Madri: Biblioteca de Autores Cristianos, 1951.